



INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA

ANA CRISTINA DE LIMA BORBA

LETRAMENTO DIGITAL E FORMAÇÃO DOCENTE: RELATO DE
UMA EXPERIÊNCIA COM OS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

JOÃO PESSOA

2019

ANA CRISTINA DE LIMA BORBA

LETRAMENTO DIGITAL E FORMAÇÃO DOCENTE: RELATO DE
UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
a conclusão do Curso de Licenciatura em
Letras a Distância.

Orientador: Prof (a): Ms. Denize de
Oliveira Araújo.

JOÃO PESSOA

2019

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANA CRISTINA DE LIMA BORBA

LETRAMENTO DIGITAL E FORMAÇÃO DOCENTE: RELATO DE
UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
a conclusão do Curso de Licenciatura em
Letras a Distância.

Orientador: Prof (a): Ms. Denize de
Oliveira Araújo.

Aprovado em 08 / 04 / 2019

BANCA EXAMINADORA

Denize de Oliveira Araújo
Presidente: Orientadora: Profª. Ms. Denize de Oliveira Araújo

Neilson Alves de Medeiros
Examinador: Prof. Dr. Neilson Alves de Medeiros

Otoniel MS
Examinador: Prof. Dr. Otoniel Machado da Silva

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, minha fortaleza.

Aos meus pais, irmãs, esposo e filho que, com muito carinho não mediram esforços para que eu concluísse essa etapa da minha vida.

Ao curso de Letras Português do IFPB e aos professores com quem convivi ao longo desses anos, responsáveis pela minha formação acadêmica.

Agradeço a professora Denize pela orientação, paciência, presteza e amizade.

RESUMO

Nos últimos anos os jovens estão cada vez mais envolvidos com o uso das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) e, no contexto escolar, essa realidade tem provocado mudanças, pois os estudantes estão demonstrando mais autonomia em suas pesquisas e resolução de dúvidas. Dessa forma, o professor deve se preparar para ser mediador nesse novo cenário de ensino e aprendizagem, buscando promover o letramento digital dos alunos para o uso consciente dos recursos tecnológicos, em especial da internet. Diante disso, o objetivo desse estudo é o de apresentar uma análise reflexiva de resultados obtidos a partir de uma oficina realizada com alunos do 1º ano do ensino médio do IFPB, campus João Pessoa, em um Ambiente Virtual de Aprendizagem, o *Moodle*. Apoiamo-nos teoricamente em Soares (2014), Coscarelli (2005), Xavier (2002), Rojo (2011), Freitas (2011), Lévy (1999) e Kenski (2012). O estudo realizado é do tipo observação participante e utilizou uma abordagem quantitativa e qualitativa, partindo do seguinte questionamento: como ampliar o letramento digital dos alunos para o uso consciente e ético das informações disponibilizadas na internet nos trabalhos escolares? Para tanto, aplicamos inicialmente um questionário *online* aos alunos para verificar como eles utilizam as tecnologias conectadas à internet para o seu aprendizado e, a partir dos dados obtidos, elaboramos uma oficina virtual, com o intuito de discutirmos questões relacionadas à prática de leitura e de escrita em ambientes digitais. De acordo com os resultados obtidos na pesquisa, conclui-se que as TDIC's são recursos propícios para professor e alunos construírem uma relação que promova a aprendizagem colaborativa.

Palavras-chave: Internet, letramento digital, ensino e aprendizagem.

ABSTRACT

In recent years, young people are increasingly involved in the use of digital information and communication technologies (TIDC's) and, in the school context, this reality has caused changes, as students are demonstrating more autonomy in their research and solving doubts. In this way, the teacher should prepare himself to be a mediator in this new scenario of teaching and learning, seeking to promote students' digital literacy for the conscious use of technological resources, especially the internet. Therefore, the objective of this study is to present a reflexive analysis of the results obtained from a workshop held with students of the 1st year of high school of the IFPB, João Pessoa campus, in a Virtual Learning Environment, Moodle. We support theoretically in Soares (2014), Coscarelli (2005), Xavier (2002), Freitas (2011), Rojo (2011), Lévy (1999) and Kenski (2012) on the concept of digital literacy and teaching and learning collaborative. The study was participatory and used a quantitative and qualitative approach, based on the following question: how to broaden students' digital literacy for the conscious and ethical use of the information made available on the internet in school work? To do so, we initially applied an online questionnaire to the students to verify how they use the technologies connected to the internet for their learning and, based on the data obtained, we elaborated a virtual workshop, with the intention of discussing issues related to the practice of reading and writing in digital environments. According to the results obtained in the research, it is concluded that the TDICs are suitable resources for teachers and students to build a relationship that promotes collaborative learning.

Keywords: Internet, digital literacy, teaching and learning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –Abertura do fórum “Você sabia?”	21
Figura 2 –Abertura do fórum “Vamos conhecer mais sobre o assunto”	22
Figura 3 –Wiki colaborativo.....	23
Figura 4 – Trechos do Wiki colaborativo	28

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. A EVOLUÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E A QUESTÃO DO LETRAMENTO.....	12
2. LETRAMENTO DIGITAL E FORMAÇÃO DOCENTE	14
3. PESQUISAR NA INTERNET: DESAFIOS PARA O CONTEXTO ESCOLAR	17
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	20
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS:	32

INTRODUÇÃO

A sociedade cada vez mais vem sendo amparada por várias tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs). No campo educacional, elas podem aparecer como suporte para o incentivo ao aprendizado e ao desenvolvimento das capacidades de ler e escrever, provocando mudanças no contexto escolar, pois os jovens estão cada vez mais envolvidos com as mais variadas ferramentas de comunicação e informação conectadas à internet, bem como estão cada vez mais se apropriando delas e se “auto letrando” pela internet, o que se configura como um novo jeito de aprender.

Pensando nessa realidade de aprendizado virtual, surge a inquietação em saber: o que esses estudantes lêem nas plataformas virtuais, seja no computador, no tablet, no celular? Como eles têm adquirido o aprendizado de forma autônoma? Como é possível os professores levá-los a ressignificar as informações disponíveis na internet?

Uma das condições para que o indivíduo possa fazer pleno uso das informações disponíveis na rede é a aquisição do letramento digital, e o professor deve entender e buscar esse letramento como condição para orientar seus alunos a fazer pesquisas escolares de forma ética e consciente. Assim como as tecnologias como lápis, lousa, caneta, livros e outros instrumentos vieram para facilitar as aulas, as TDIC's, se bem aproveitadas e direcionadas pelos professores, também são vistas como facilitadoras do ensino e aprendizagem. O aluno tem buscado por informação extraescolar através da internet e trazido para sala de aula, assim sendo, o professor, enquanto mediador do processo de ensino e aprendizagem nesse novo contexto, não precisa ser um *expert*, mas precisa aprender a manusear a parte física (computador) e a rede (internet) para não apenas saber lidar com as mais variadas informações disponíveis, mas também ser capaz de orientar os seus alunos em novas pesquisas, contribuindo, dessa forma, para o incremento de suas aulas e para a formação de cidadãos preparados para o mundo atual, marcado pela facilidade de acesso a informações. Sabemos que este é um grande desafio para quem promove a educação e parece não ser mais possível se esquivar do uso das TDICs em sala de aula, pois os jovens estão cada vez mais imersos na cibercultura.

Considerando essa nova realidade de aprendizagem virtual, o presente artigo apresenta minhas reflexões, uma docente em formação do curso de Licenciatura em

Letras que, ao atuar no Programa Despertando Vocações para Licenciaturas – ¹PDVL – buscou conhecer como as TDICs fazem parte da vida dos estudantes e como é possível usá-las a favor do processo de ensino e aprendizagem. É de grande relevância compreender essas transformações, pois os ambientes sociais, como por exemplo, as escolas, deparam-se cada vez mais com a necessidade de trabalhar com essa realidade, uma vez que já não é mais possível pensar no professor como o único detentor do conhecimento, muito menos conceber a internet como “inimiga” do conhecimento escolar. Por isso, mais do que nunca, revela-se a necessidade do papel do professor como mediador no processo de construção do conhecimento na atualidade.

Dessa forma, o presente trabalho objetiva trazer uma análise reflexiva, a partir de uma experiência didática em uma ambiente virtual de aprendizagem (AVA) com alunos do ensino médio integrado do Instituto Federal da Paraíba – IFPB/JP. Para atingir esse objetivo, partimos de dados obtidos por meio de questionário *online* aplicado aos participantes, com o intuito de verificar as finalidades do uso da internet em seu cotidiano. A partir das informações obtidas, elaboramos uma oficina virtual que teve como foco discutir questões relacionadas ao uso das informações disponíveis na internet. Para a discussão teórica, fundamentamo-nos em autores como Coscarelli (2005), Xavier (2002), Rojo (2011) e Kenski (2012) sobre a noção de letramento digital. Soares (2014), sobre a noção de letramento, Freitas (2011) e Levy (1999) sobre a formação de professores e uso das tecnologias. Os resultados apontam não apenas para possibilidades de uso da internet como recurso didático produtivo no processo de ensino e aprendizagem, mas também para uma postura crítica e ética dos sujeitos envolvidos no que diz respeito ao uso das informações disponíveis na rede.

Afora esta introdução e as considerações finais, o trabalho é composto por cinco tópicos. No primeiro tópico, discutimos a relação da escrita com as tecnologias e a questão do letramento. No segundo, abordamos mais especificamente o letramento

¹O Programa Despertando Vocações para Licenciaturas (PDVL), Campus João Pessoa, parte do pressuposto de que a formação do licenciado se fundamenta em uma concepção de ser humano, de sociedade e de mundo que envolva a busca de uma política integrada, visando à construção de um sistema educacional democrático e inclusivo. Tais aspectos caracterizam o Programa como uma ferramenta útil na interiorização de questões relacionadas ao ensino das licenciaturas. Esse programa pretende, portanto, envolver extensionistas e pesquisadores licenciandos do IFPB – Campus João Pessoa, a fim de que desenvolvam trabalhos voltados para a prática docente no ensino das Licenciaturas. O Programa tem por objetivo central fomentar ações que auxiliem no despertar do interesse para os cursos de Licenciaturas, por meio da articulação de atividades de ensino, pesquisa e extensão e da troca de saberes entre a Academia e a Escola Básica, tendo como foco a formação docente e as tecnologias educacionais e o avanço no campo epistêmico do objeto de estudo. Em decorrência deste objetivo geral, o Programa norteia-se pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

digital e formação docente. Em seguida, discutimos aspectos relacionados aos desafios impostos à escola no contexto da cibercultura. No quarto tópico, apresentamos a metodologia utilizada, seguida da análise e discussão dos dados.

1. A EVOLUÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E A QUESTÃO DO LETRAMENTO

A busca por novas tecnologias está presente em todas as épocas, de acordo com cada contexto, no decorrer do tempo e em diferentes tipos de relações sociais. Ao falarmos o termo “tecnologia”, na maioria das vezes, inferimos que estamos falando de equipamentos e aparelhos. De acordo com Kenski (2012 p. 15),

As tecnologias são tão antigas quanto a espécie humana [...] foi a engenhosidade humana, em todos os tempos, que deu origem às mais diferenciadas tecnologias. Os conhecimentos derivados, quando em prática, dão origem a diferentes equipamentos, instrumentos, recursos, produtos, processos, ferramentas, enfim, a tecnologias.

Uma das tecnologias mais bem-sucedidas criada pelo homem foi a tecnologia da escrita. A escrita é uma das ferramentas mais potentes para organização de ideias. Antes da escrita, a oralidade primária se apoiava na proximidade dos interlocutores, na memorização, na repetição e na continuidade. A escrita é uma tecnologia que libertou as civilizações mais antigas. Para Kenski (2012), o que passava a predominar não mais era a repetição e memorização como forma de conhecimento, mas sim a escrita, que exigia mais do que nunca a necessidade de compreensão do que estava sendo comunicado. A partir da escrita se dá a autonomia da informação. Já não há necessidade da presença do autor ou do narrador para que o fato seja comunicado.

A tecnologia da escrita, interiorizada como comportamento humano, interage com o pensamento, libertando-o da obrigatoriedade de memorização permanente. Torna-se, assim, uma ferramenta para ampliação da memória e para a comunicação. Em seu uso social, como tecnologia da informação e comunicação, os fatos da vida cotidiana são contados em biografias, diários, agendas, textos e redações. Como tecnologia auxiliar ao pensamento, possibilita ao homem a exposição de suas ideias, deixando-o mais livre para ampliar sua capacidade de reflexão e apreensão da realidade. (KENSKI, 2012, p.31).

A relação da escrita com as novas tecnologias que foram surgindo ao longo do tempo mudou de acordo com as necessidades humanas. As tecnologias digitais “rompem” com as estruturas lineares de informação e comunicação às quais estávamos adaptados anteriormente, como as informações contidas em enciclopédias, dicionários, livros, revistas e jornais impressos. A partir da década de 1980 surge uma *interface* denominada computador, que agrega todas as informações contidas em tais estruturas,

na qual temos acesso a um “mundo” de informações em apenas alguns *clicks*. Porém, observa Kenski

A evolução tecnológica não se restringe apenas aos novos usos de determinados equipamentos e produtos. Ela altera comportamentos. A ampliação e a banalização do uso de determinada tecnologia impõem-se à cultura existente e transformam não apenas o comportamento individual, mas o de todo o grupo social. (...)As tecnologias transformam suas maneiras de pensar, sentir e agir. Mudam também suas formas de se comunicar e de adquirir conhecimentos (2012), p. 21).

Portanto, o advento das tecnologias da informação e comunicação integradas à internet surge com a necessidade de adaptação, pois os indivíduos devem sair da condição de analfabetos digitais para conseguir manusear essa ferramenta complexa. O termo mais adequado para essa aquisição de informações é o letramento digital.

É importante notar que, com o surgimento da tecnologia da escrita, também foram necessárias adaptações, ser alfabetizado para dominar a escrita. Segundo Soares (2014, p.19), alfabetizado é aquele que adquiriu o estado ou condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam. Porém, ainda de acordo com a autora, não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer o uso do ler e escrever, saber responder às exigências de leitura e escrita que a sociedade faz continuamente, daí o surgimento do termo letramento. Para Hartt (2011), é preciso, antes de entrar na discussão do letramento digital, retomar o próprio conceito de letramento. O significado do termo letramento partiu da tradução do inglês da palavra *Literacy*, *littera* que vem do latim e significa “letra” e o sufixo – *cy*, que denota condição, estado, ou seja, *literacy* é o *estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever*. Para Soares, letramento é, portanto

o resultado de uma ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita.
É o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e escrita.

Kirsch e Jungeblut (1990, p.1-8), diz que

O letramento não é simplesmente um conjunto de habilidades de leitura e escrita, mas, muito mais que isso, é o conjunto dessas habilidades para atender às exigências sociais.

Entende-se, então, que para cada processo de evolução da humanidade temos novas adaptações tecnológicas, assim como o surgimento da escrita que, ao longo de sua evolução e de sua presença na vida social, possibilitou ao indivíduo ser “letrado”,

mesmo sem ser alfabetizado, desde que integrado a práticas sócias de leitura e de escrita. É importante salientar que ser alfabetizado não implica ser letrado, assim como ser letrado não implica ser alfabetizado. Há pessoas que compreendem textos escritos quando lidos para elas, narram cartas ou bilhetes, o que demonstra possuírem um certo nível de letramento. Por outro lado, há pessoas alfabetizadas, ou seja, que se apropriaram do sistema de escrita, mas não fazem uso dela em práticas sócias, ou seja, não são letradas.

Com o advento da internet, as práticas de leitura e escrita se ampliam e trazem novas exigências, diferentes daquelas exigidas nas formas tradicionais de alfabetização e de letramento. Hoje as pessoas usam o caixa eletrônico dos bancos para fazer diferentes operações, usam o computador, o celular ou smartphone para fazer ligações, enviar ou receber mensagens ou e-mails, acessar a internet para pesquisar, estudar a distância, se entreter etc. É nesse cenário que o letramento digital se faz necessário. Para Rojo (2011, p.11) “o letramento digital é um pedaço do letramento. Não se pode conceber um sem o outro”.

2. LETRAMENTO DIGITAL E FORMAÇÃO DOCENTE

A cultura digital tem provocado mudanças significativas na sociedade contemporânea. Ano após ano, as TDICs têm se multiplicado vertiginosamente, junto a elas surge mais uma modalidade de letramento, o letramento digital. Conforme Coscarelli (2005, p.9), letramento digital é o nome que damos à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital, tanto para ler quanto para escrever. Segundo a autora, precisamos dominar a tecnologia para que, além de buscarmos informações, sejamos capazes de extrair conhecimento. Xavier (2002, p.3) assevera que a “competência para usar equipamentos digitais com desenvoltura permite ao aprendiz contemporâneo a possibilidade de reinventar seu cotidiano, bem como estabelece novas formas de ação, que se revelam em práticas sociais e em modos diferentes de utilização da linguagem verbal e não-verbal”.

Nessa perspectiva, o computador e a internet têm muito a oferecer para as várias práticas sociais nas quais nos inserimos diariamente, mas para que uma pessoa se torne usuário dessas tecnologias e possa extrair e somar conhecimentos é fundamental que saia da porcentagem de alfabetizados que podem ser considerados analfabetos digitais.

Segundo Coscarelli (2005, p.74),

o termo analfabeto digital poderia ser utilizado para já alfabetizados que não alcançaram o domínio dos códigos que permite acessar a máquina, manuseá-la e que, portanto, não pode utilizar seus comandos para práticas efetivas de digitação de texto, leitura e produção de mensagens para efeitos de interação à distância ou mesmo de leitura escrita.

Os alfabetizados considerados analfabetos digitais, conforme explica a autora, talvez tenham conhecimento das práticas sociais de uso dessa tecnologia, compreendendo diversos usos e funções, mesmo sem operar diretamente com a máquina. A autora explica ainda que essa seja a situação de vários professores brasileiros. Por outro lado, é importante considerar que os jovens têm se empenhado cada vez mais na cultura digital, e, no contexto escolar, não tem sido diferente, eles não ocupam mais a postura de passividade, de acordo com a concepção da “educação bancária” de Paulo Freire, mas são proativos, vão em busca de respostas através da internet antes mesmo de questionar o professor com suas dúvidas. Esse novo comportamento dos alunos implica em mudanças no contexto escolar. Dessa forma, o professor precisa repensar a sua atuação em sala de aula. Para Lévy (1999)

A função-mor do docente não pode mais ser uma difusão de conhecimentos, executada doravante com uma eficácia maior por outros meios. Sua competência deve deslocar-se para o lado do incentivo para aprender e pensar. O docente torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos dos quais se encarregou. Sua atividade terá como centro o acompanhamento e gerenciamento dos aprendizados: incitação ao intercâmbio dos saberes, mediação relacional e simbólica, pilotagem personalizada dos percursos de aprendizado, etc. (LEVY, 1999, p. 15)

Nas palavras de Kenski (2012, p.103),

Professor e aluno formam “equipes de trabalho” e passam a ser parceiros de um mesmo processo de construção e aprofundamento do conhecimento: aproveitar o interesse natural dos jovens estudantes pelas tecnologias e utilizá-las para transformar a sala de aula em espaço de aprendizagem ativa e de reflexão coletiva; capacitar os alunos não apenas para lidar com as novas exigências do mundo do trabalho, mas, principalmente, para a produção e manipulação das informações e para o posicionamento crítico diante dessa nova realidade.

A relação professor-aluno pode ser profundamente alterada pelo uso das TIC's, em especial se estas forem utilizadas intensamente. Na resolução de um problema, na realização de um projeto, na coleta e análise de dados sobre um determinado assunto, o professor realiza um mergulho junto com os alunos, para poder responder a suas dúvidas e questões. A proximidade com os alunos ajuda-o a

compreender suas ideias, olhar o conhecimento de novas perspectivas e a aprender também. As TIC's proporcionam um novo tipo de interação do professor com os alunos. Possibilitam a criação de novas formas de integração do professor com a organização escolar e com outros professores.

Para tanto, a capacitação dos professores é a principal medida para que possam mediar os seus alunos a fazerem pesquisas e usar as tecnologias em suas aulas. Lévy (1999) pontua que não se trata de utilizar a qualquer custo as tecnologias, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que está questionando profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educativos tradicionais e, notadamente, os papéis de professor e aluno. Essa mudança se impõe diante do perfil dos jovens nascidos nesse mundo digital, cercados por computadores, smartphones, tablets, vídeo games etc., conhecidos como *nativos digitais*, que, de acordo com Prensky (*apud*, GAMA, 2012) são alunos multitarefa para quem assistir apenas à exposição do professor, face-a-face, talvez possa se configurar em uma tarefa pouco atrativa, pois são acostumados a receber informação muito rápido e em processos paralelos e ao mesmo tempo.

Nessa perspectiva, pensar no uso de ambientes virtuais no processo de ensino e aprendizagem pode ser uma alternativa que promova o aprendizado para além das paredes da sala de aula. Xavier (2002, p.3) diz que “os indivíduos que participam dos ambientes de interação virtual aprendem e ensinam mutuamente, promovendo inovação constante no aprendizado. O professor, por sua vez, tem que se adaptar à nova realidade tecnológica de aprendizado”. Ao se apropriar das tecnologias para o ensino e aprendizagem na sua rotina profissional, ele passa a dominar esse recurso e ter mais segurança em suas aulas. Porém, é inegável que, com a formação insuficiente, torna-se cada vez mais difícil atingir as potencialidades pedagógicas das tecnologias, deixando o método tradicional de ensino cada vez mais resistente e contribuindo para exclusão social. Sobre esse aspecto, Coscarelli assevera que

Não favorecendo esse acesso à informática e não transformando em aliada para educação, sobretudo das camadas populares, a escola estará contribuindo para mais uma exclusão de seus alunos, lembrando que isso vai excluí-los de muitas outras instâncias da sociedade contemporânea e que exige dos seus cidadãos um grau de letramento cada vez maior. (2005, p.32).

Sendo assim, podemos inferir que, quanto maior o nível de letramento digital mais habilidades terão professor e alunos para lidar com as TDICs. O professor deve ser um entusiasta do uso das tecnologias na educação, pois é uma forma de transcender a

aprendizagem que fica apenas na sala de aula, já que o computador, celular, tablets fazem parte do cotidiano dos adolescentes.

A Base Nacional Curricular Comum diz que

é imprescindível que a escola compreenda e incorpore mais as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação (e também de manipulação), e que eduque para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital. (BRASIL, 2017)

O item 6, que trata das competências específicas de linguagens para o ensino fundamental, pontua que os alunos devem:

Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos. (BRASIL, 2017).

Em vista disso, tanto alunos quanto professores devem ser letrados digitais para não usar as TDCIs de forma passiva, mas sim de forma criativa e construtiva, integrando-as às práticas pedagógicas já existentes, ressignificando o ensino e aprendizagem. No entanto, é preciso reiterar que, para alcançar os objetivos exigidos pelo sistema de educação atual, no que se refere ao uso das tecnologias pelos professores, faz-se necessária “uma política de pessoal que reconheça e valorize suas competências e importância, o oferecimento de cursos de aperfeiçoamento e de atualização, além de uma formação inicial de qualidade, um projeto de carreira consistente, a melhoria de condições de trabalho e de vida são fundamentais para que os professores possam atuar com qualidade”. (KENSKI, 2012, p.107)

3. PESQUISAR NA INTERNET: DESAFIOS PARA O CONTEXTO ESCOLAR

O computador e a internet têm muito a contribuir no processo de ensino e aprendizagem, em especial, no que diz respeito ao tratamento dado às múltiplas fontes de informação disponíveis na rede, uma vez que, como observam Bernardes e Fernandes (2011), a entrada da internet na escola tem se dado, dentre outros meios, pela realização da pesquisa escolar. Conforme os autores, “os alunos têm levado aos seus professores a oportunidade de refletir sobre as consequências das novas tecnologias da informação na produção do próprio conhecimento escolar” (p.125). Para os jovens, a utilização dessa ferramenta “facilita” a realização da pesquisa pela variedade de textos

disponíveis. Por outro lado, os professores se preocupam com as pesquisas que os estudantes fazem na internet, pois é um ambiente com múltiplas escolhas de informações, no qual o leitor pode iniciar uma leitura e, em seguida, pular para a última página, ou mesmo abandonar sua pesquisa e começar outra, e, quando não se der conta, já está lendo e digitando em uma rede social.

Diante dessa realidade dos jovens imersos na cultura digital, é impossível pensar que as pesquisas escolares aconteçam apenas no contexto escolar ou em visitas a bibliotecas. Para Kensky (2014, p.95), “no ambiente virtual, a flexibilidade de navegação e as formas síncronas e assíncronas de comunicação oferecem aos estudantes a oportunidade de definirem seus próprios caminhos de acesso às informações desejadas, afastando-se de modelos massivos de ensino e garantindo aprendizagem personalizada”, o que resultaria na autonomia do aprendiz.

Para Álvarez (*apud* Coscarelli 2016, p.23), seja para aprender ou para ler, o ser humano ativa sua capacidade associativa o tempo todo, de modo que uma ideia remete a outras com as quais tenha alguma relação. A hipertextualidade digital muda a forma de leitura, ela se dá de forma não linear e, através dos *links*, o leitor escolhe o caminho de suas pesquisas. Os hipertextos, nesse sentido, contribuem para pensar a leitura em sua forma mais autêntica, uma vez que o próprio ambiente onde os textos se materializam convida o leitor a produzir diferentes e novas associações. Freitas (2011, p.41) explica que,

O hipertexto permite relações associativas, num espaço não orientado, elas oferecem ao leitor a descoberta livre e imaginativa de uma relação e a criação de uma associação, desde que ele possa negligenciar toda e qualquer proposição que não lhe convenha e retomar seu percurso anterior. O leitor passa a ter um papel mais ativo e oportunidade diferente da de um leitor de texto impresso.

Essa extensão das possibilidades de informação e comunicação e das diversas fontes de acesso não pode prescindir dos objetivos pré-estabelecidos e do aprofundamento na compreensão de conceitos, para que não se corra o risco de ficar apenas na superficialidade ou, mais grave ainda, de se fazer uso das informações acessadas de forma indevida.

Diante do exposto, compreende-se que o objetivo de pesquisa do estudante navegador-leitor pode ir se modificando diante de uma infinidade de informações linkadas. Além disso, os professores têm se preocupado com o uso dessas informações, alegando que os estudantes não fazem as devidas referências, que não refletem sobre o

que leem, apenas copiam e colam nos trabalhos escolares. Porém, nesse caso, supõe-se que se o professor tiver um bom nível de letramento digital, se souber como realizar e fazer uso de pesquisas na internet poderá auxiliar e orientar seus alunos. Como bem afirma Coscarelli (2003, p.21)

O letramento digital vai exigir tanto a apropriação das tecnologias- como usar o mouse, o teclado, a barra de rolagem, ligar e desligar os dispositivos – quanto o desenvolvimento de habilidades para produzir associações e compreensões nos espaços multimidiáticos. Escolher o conteúdo a ser disponibilizado em uma rede de relacionamentos, selecionar a informação relevante e confiável na web, navegar em um site de pesquisa, construir um blog, ou definir a linguagem mais apropriada a ser usada em e-mails pessoais e profissionais são exemplos de competências que ultrapassam o conhecimento da técnica.

Compreende-se, dessa forma, que o letramento digital também é uma peça chave na questão de pesquisar na internet, pois é uma competência que ultrapassa o conhecimento técnico, esse letramento da autonomia para que o usuário possa identificar se a informação acessada é confiável, se está com as devidas referências ou se se trata de um material plagiado. Nesse caso, o usuário está cometendo o plágio do plágio, sendo esse um comportamento muito recorrente na internet, as pessoas republicam textos da internet que não são da sua autoria e não colocar as devidas referências dando os créditos ao autor, induzindo mais ainda ao leitor-navegador a cometer o plágio.

Para a autora Maria Antonieta Celani (2005), várias questões interferem na prática do plágio, como por exemplo, a questão cultural, mas ressalta que isso não é motivo para aceitar a cópia dos materiais disponíveis na internet. A autora pontua que “os alunos não percebem essa prática não ética porque não foram expostos a esses parâmetros explicitamente”. Ou seja, esses alunos não são informados sobre o plágio, por isso fazem uso das fontes de informações sem fazer as devidas referências. Para Celani, outro fator que influencia nessa prática é a realização das pesquisas escolares durante o ensino fundamental e médio, na maioria das vezes os alunos “pesquisam na internet o que foi designado pelo professor, organizam a informação coletada, mais ou menos ordenadamente e apresentam ao professor, com a identificação do aluno”. CELANI (2005, p. 118).

Portanto, quando esses alunos chegam à universidade, se defrontam com uma nova realidade podendo ou não causar um choque de informações sobre os aspectos

éticos referentes ao tratamento de informação retiradas das mais variadas fontes de informação. Sobre esse aspecto, reitera Celani,

É papel de todo professor de qualquer disciplina no currículo escolar, discutir essas questões dos procedimentos considerados na nossa cultura acadêmica atuais éticos ou não éticos. Faz parte da educação geral. É importante, também, que os alunos pesquisadores se mantenham a par das mudanças que ocorrem no mundo a respeito da caracterização desses procedimentos, do ponto de vista ético. (p.119. 2005).

Então, em vista dessa problemática, cabe aos professores adquirir o letramento digital para poder mediar os seus alunos a serem não apenas consumidores de informação, como também produtores de conteúdo, de forma crítica e consciente.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho tem como base a pesquisa qualitativa do tipo observação participante, que consiste na participação efetiva do pesquisador com a comunidade ou grupo (MARCONI; LAKATOS, 2003). Trata-se do relato de uma experiência didática a partir de uma oficina virtual desenvolvida com alunos do 1º ano do ensino médio do IFPB/JP em um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), o *Moodle*, que disponibiliza diferentes atividades, tais como fórum, chat, glossário, questionário, wiki etc. A opção por esta plataforma virtual se deu por ser um *software* livre já utilizado nos cursos a distância do IFPB, podendo ser acessado a qualquer momento e a opção por essa modalidade de ensino se deu não apenas por ela poder ser mediada por suportes tecnológicos e digitais, mas, sobretudo, por possibilitar um espaço de ensino e aprendizagem fora da sala de aula. Além disso, o ensino a distância tem se apresentado como uma importante ferramenta de difusão do conhecimento e de democratização da informação.

Antes de executarmos a oficina propriamente, convidamos, em um primeiro momento, alunos de quatro turmas do 1º ano do ensino médio do IFPB a colaborarem com a sua construção, respondendo a um questionário contendo quinze perguntas, sendo oito fechadas e sete abertas, no Google Formulários. Vinte e quatro alunos se dispuseram a responder ao questionário. O objetivo, a partir das questões lançadas, foi o de verificarmos como eles faziam uso da internet no ambiente escolar e extra-escolar, envolvendo questões relacionadas à prática de pesquisa na internet e à questão do plágio na atualidade, que norteariam a elaboração da oficina.

Com base nas respostas dos alunos ao questionário, a próxima etapa foi a elaboração e realização da oficina no *Moodle*². Salientamos que um AVA pode oferecer aos seus usuários a possibilidade de maior interação e/ou interatividade entre professores-alunos, alunos-conteúdos e alunos-alunos, porém exige adequações nas estratégias pedagógicas e de comunicação utilizadas por professores e alunos, proporcionando-lhes maior flexibilidade e interatividade no processo de ensino e aprendizagem, elementos fundamentais para o desenvolvimento de uma aprendizagem colaborativa, em que interagir e colaborar são características essenciais nesse processo.

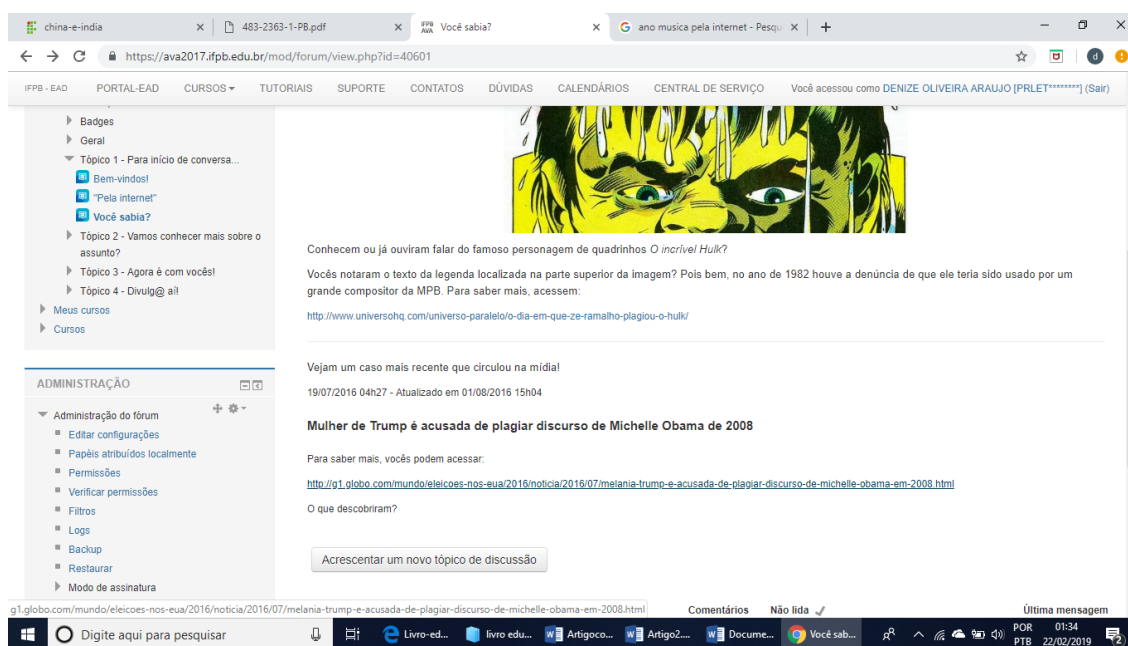
Escolhemos duas turmas do 1º ano do ensino médio integrado para apresentarmos a proposta da oficina. Trinta e dois alunos se inscreveram e foram cadastrados no *Moodle*. Em um primeiro momento, realizamos um encontro no polo de apoio presencial da própria instituição para a apresentação do AVA aos alunos. Após esse encontro, todas as atividades da oficina foram desenvolvidas a distância.

As atividades foram organizadas por tópicos da seguinte forma:

TÓPICO 1 (“*Para início de conversa...*”): organizado em três fóruns, sendo o primeiro, “Seja bem-vindo!”, destinado à apresentação dos alunos. No segundo fórum, “Pela internet”, os alunos foram convidados a refletir sobre a presença da internet na atualidade, a partir da letra da música composta por Gilberto Gil (1996), que, inclusive, justificou a escolha do nome desse fórum. A intenção era saber o que pensavam a respeito do tema, tendo em vista que, em sua maioria, estão sempre conectados à internet. No terceiro, “Você sabia?”, apresentamos dois casos de plágio. Optamos por esse tema, ao constataremos nas respostas dos alunos ao questionário que, embora soubessem do que se tratava os professores não discutiam o assunto com eles. Para ter acesso ao conteúdo dos casos apresentados, os alunos deveriam clicar nos links disponibilizados:

Figura 1- Abertura do fórum “Você sabia?”

²Moodle (**M**odular **O**bject **O**rientedDistance **L**Earning) é um sistema gerenciamento para criação de curso online. Esses sistemas são também chamados de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) ou de Learning Management System (LMS)

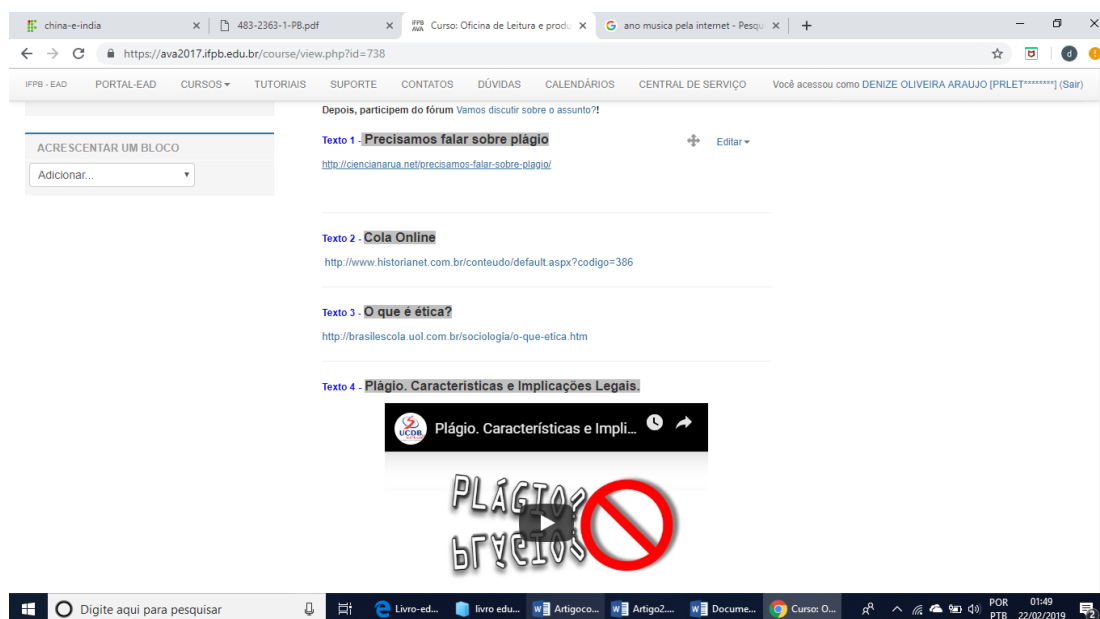


Fonte: Dados da oficina (2016)

Após a leitura dos hipertextos, os alunos deveriam opinar sobre os dois casos e compartilhar outros casos conhecidos por eles em um fórum intitulado “*Já vi isso em algum lugar...*”;

TÓPICO 2 (“*Vamos conhecer mais sobre o assunto*”): disponibilizamos os links de três hipertextos e um vídeo, que discutiam a questão plágio:

Figura 2 – Abertura do fórum “Vamos conhecer mais sobre o assunto”

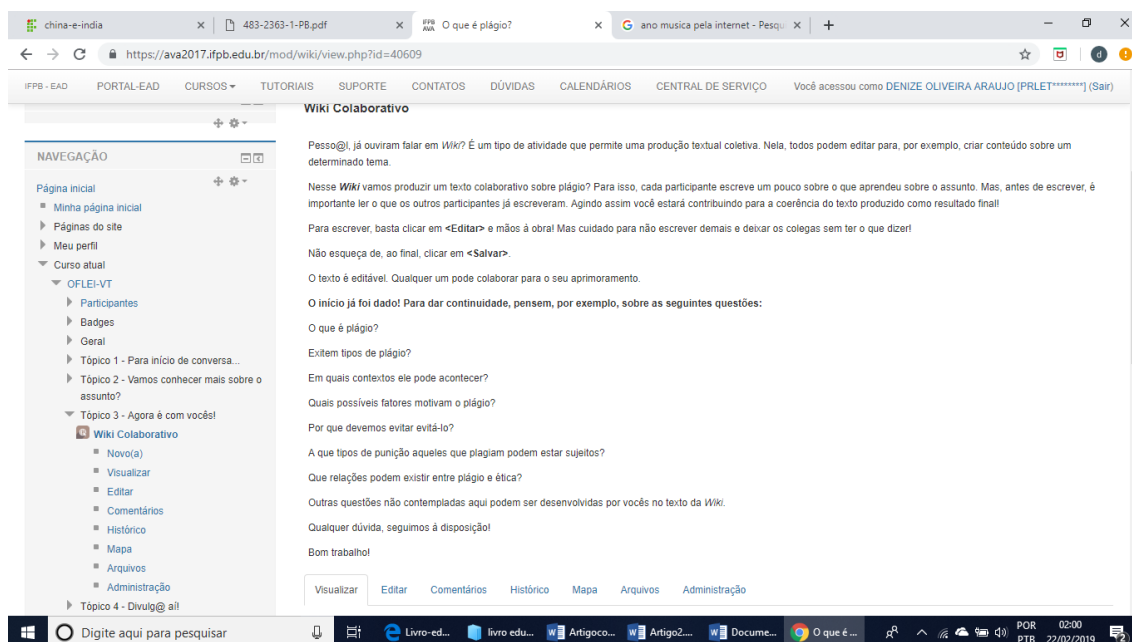


Fonte: Dados da oficina 2016

A proposta foi para que os alunos, depois das leituras dos textos e de assistir ao vídeo, respondessem a questões relacionadas a eles no fórum “Discutindo sobre o assunto”;

TÓPICO 3 (“*Agora é com vocês!*”): nesse tópico, proporcionamos uma atividade coletiva, utilizando-nos da ferramenta Wiki³ do Moodle, que tem, dentre outras possibilidades, a criação coletiva de texto sobre um tema definido, para o qual sugerimos algumas questões que norteássemos alunos na produção;

Figura 3 – Wiki colaborativo



Fonte: Dados da oficina (2016)

TÓPICO 4 (“*Divulg@ aí!*”): No último tópico, sugerimos aos alunos que escolhessem a ferramenta que eles tinham acesso para gravar um vídeo, baseado nos conhecimentos adquiridos na oficina e compartilhassem no fórum e, a critério do grupo, poderia também ser divulgado em um canal do *Youtube*.

³ O wiki no Moodle é uma ferramenta de atividade que visa produção escolar colaborativa. Isso significa dizer que não requer respostas prontas e individualizadas, mas que, a partir de uma temática, as ideias sejam construídas em conjunto, em coautoria.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com base na análise das respostas obtidas no questionário sobre o acesso e uso da internet, observou-se que todos os alunos disseram ter acesso à internet, a maioria, 83,3%, acessam em casa, sendo que 50% disseram usar o computador e 50% o celular e ficam, em média, de duas horas a oito horas, ou mais, conectados diariamente. Os conteúdos mais pesquisados foram redes sociais, escolares, jogos, vídeos, notícias e curiosidades. Sobre fazer pesquisa na internet para realizar trabalhos escolares, 100% dos alunos disseram fazer uso dela. Esses resultados evidenciam o que observam Oliveira e Silva (2011, p.5), “as tecnologias passaram a desempenhar importante papel no cotidiano de milhares de pessoas, impactando a forma de comunicação, de acesso a informações, cultura e lazer, originando novos modelos de consumo e trabalho *online*”.

Dentre os resultados supracitados, destaca-se a totalidade de alunos que realizam pesquisa na internet para trabalhos escolares. A nossa previsão para esse resultado motivou as questões sobre o conhecimento dos alunos a respeito de plágio e se o professor falava sobre esse assunto em sala de aula. Mais de 80% dos alunos afirmaram saber do que se trata, por outro lado, quase 80% disseram que os professores não falam sobre o assunto. Sobre o uso de recursos digitais pelos professores nas aulas, apenas 16,6% se referiram especificamente ao uso da internet, enquanto que, ao serem questionados sobre a importância da internet para o estudo, 100% dos alunos concordaram que se trata de um importante recurso. Sobre a relevância de seu uso, os alunos apresentaram motivos, tais como: “com ela posso aprimorar meus estudos”; “muito importante, pois a maioria das dúvidas eu tiro através dela e aprendo novas coisas”; “pode auxiliar no processo de aprendizagem, pois na internet há várias formas de buscar diversos assuntos”; “porque ajuda muito na pesquisa”; “quando há um trabalho acadêmico utilizo da internet para pesquisas”; “nos dias de hoje é a única fonte de estudo que eu utilizo”; “porque com ele você tem uma biblioteca em suas mãos ao invés de ir para uma biblioteca”.

Diante desses dados, percebemos o quanto a internet tem desempenhado um importante papel na vida escolar, ampliando o conhecimento dos alunos e contribuindo para a aquisição de conteúdos trabalhados em sala de aula ou fora dela, pois eles estão cada vez mais ativos nessa busca. Quando surge alguma dúvida, não esperam apenas pela informação do professor na próxima aula, pois tentam solucionar suas dúvidas fazendo pesquisas na internet.

Por outro lado, a infinidade de informações com as quais os estudantes se deparam na internet traz preocupações para os professores. A facilidade de acesso a elas traz em seu bojo uma prática bastante recorrente no universo escolar e acadêmico, que é a prática do copiar/colar. De acordo com 79,2 % dos participantes da pesquisa, os professores não falam em suas aulas sobre o plágio. Esse resultado revela que, embora seja preocupante a prática de copiar/colar nos trabalhos escolares por parte dos professores, não se discute em sala de aula o que é plágio e por que ele deve ser evitado nas produções textuais. Por este motivo, optamos trazer o tema “plágio” para a oficina, com o intuito de levar os alunos a realizar suas pesquisas e trabalhos de forma mais consciente ao fazer uso das informações veiculadas na internet, uma vez que letrar digitalmente é também orientar sobre a questão da ética no momento em que se acessa a internet para pesquisar.

Dentre as questões apresentadas nos fóruns da oficina, selecionamos algumas respostas dadas à seguinte questão, lançada no fórum “Vamos discutir sobre o assunto?”:

“A reportagem *Cola Online* aborda a questão dos sites de trabalhos prontos e o dilema consulta versus copiar. Como é possível associar esse dilema à citação do sociólogo José Pastore, também presente no texto: ‘A internet tornou-se um convite à desonestidade?’”

Resposta 1: *Concordo com toda a certeza, porque tudo bem que facilitar economizando tempo e um longo trabalho que seria fazer o seu próprio texto demonstrando sua ideia e caracterizando esse texto com argumentos e explicações vindas do próprio aluno, então os sites com trabalhos já pronto acabam servindo muito bem para algumas pessoas, mas é notável e obvio que copiando e colando ou como é comumente chamado "CTRL+C CTRL+V", o aluno não irá adquirir nenhum conhecimento e nem irá ficar com uma visão mais critica ou entender verdadeiramente aquele determinado assunto.*

Resposta 2: *José Pastore expressa a tentação de muitas pessoas. Como já discutido antes, a internet possui um poder de abrangência (seja em questão de conteúdo, seja em questão de número de indivíduos abordados) nunca visto antes em nenhuma tecnologia, apesar disso trazer grandes pontos positivos, também trouxe alguns problemas. Hoje o estudante encontra uma facilidade tremenda de achar o seu trabalho inteiramente pronto, sem, praticamente, nenhum esforço. No contexto, a internet se torna um convite a desonestidade quando apropriar-se de um trabalho se torna mais fácil do que produzir um, isso leva as pessoas a praticarem o ato indisciplinar discutido, o plágio.*

Resposta 3: *Com certeza. No ponto de vista dos alunos que pegam estes trabalhos prontos eles estariam em vantagem, pelo fato de não terem o trabalho de estudar e gastar tempo na elaboração do mesmo, porém com esta prática o aprendizado fica comprometido, pois a função de realizar um trabalho é fazer como que o estudante realmente adquira conhecimento com as pesquisas realizadas.*

Resposta 4: *A associação que temos do dilema com a citação é que a internet é um acervo de trabalhos prontos (assunto tratado no texto) tendo rápido e fácil acesso, isso leva muitos estudantes a não se esforçarem para produzir algo seu ou até mesmo identificar de onde foi tirado, gerando assim a desonestidade.*

Resposta 5: *É inegável que a prática de copiar trabalhos prontos da internet facilita, e muito, a vida dos alunos. Todavia, isso pode trazer grandes prejuízos em relação ao aprendizado dos mesmos, no qual copiam textos sem ao menos ler e entender sobre o que se trata. Cabe ao aluno utilizar corretamente a grande disponibilidade de informações disponíveis na internet.*

Resposta 6: *A questão abordada vai estritamente da moral e ética que cada um possui dentro de si. Acaba se tornando um debate filosófico! Não existe nenhum problema em recorrer a consulta em um trabalho pronto. O problema está no momento que o acadêmico passa a apresentar as ideias, o qual ele não produziu, como se fossem suas.*

As respostas demonstram uma capacidade de argumentação crítica dos alunos, de quem atingiu efetivamente o conhecimento. Os trechos destacados remetem a leituras e discussões em momentos anteriores da oficina, evidenciando novamente que os alunos sabem usufruir das potencialidades de aprendizagem através do ambiente virtual e através de sua autonomia e da mediação de um professor buscaram adquirir conhecimento por meio da leitura dos hipertextos disponibilizados, bem como mostraram ter autonomia para debater em um espaço de aprendizagem colaborativa. Para Vygotsky (*apud* Batista e Golbara, 2007), a interação é fundamental para a organização do pensamento acerca de um problema de forma mais elaborada, lógica e analítica, e possibilita a mediação dentro de um grupo orientado pelo professor ou por um membro mais experiente. Sobre esse aspecto, os autores reiteram que “o fórum por si mesmo não promove a interação. Essa só pode ser efetivada a partir da intencionalidade dos professores e alunos associada a um objetivo maior que é o alcance do conhecimento”. (p.3)

A partir das participações dos alunos foi possível verificar que em um AVA as práticas de leitura e de escrita podem ser redimensionadas e ganharem um novo

significado para esses alunos, verificado na desenvoltura, não apenas para usar um ambiente digital, mas também para expor nele os conhecimentos adquiridos, corroborando com o que nos diz Kenski (apud LEMOS, 2009, p. 41), “como a tela do computador permite uma maleabilidade de alterações com as características da interatividade, hipertextualidade e conectividade, isso já seria um diferencial para a aprendizagem”. Além disso, para a autora, uma metodologia de ensino que faça uso de suportes virtuais possibilita a cooperação e participação de todos os envolvidos, motiva os alunos a expressarem suas opiniões, “onde o professor assuma o papel de criar um contexto no qual os alunos possam produzir seu próprio material por meio de um ativo processo de descoberta”.

A participação dos estudantes superou nossa expectativa, pois através do ambiente de interação colaborativa por meio do qual se deram as atividades, os estudantes conseguiram alcançar o conhecimento efetivo acerca do assunto abordado e se posicionar criticamente a respeito dele a partir dos materiais disponibilizados, mostrando-nos como esse recurso pode ser propício para aluno e professor construir o processo de ensino e aprendizagem.

Os estudantes mostraram realizar a leitura dos hipertextos de forma atenta, pois através das respostas das atividades vimos a aquisição do conhecimento, mostraram também que o plágio já era um assunto conhecido, porém através da oficina puderam entender melhor sobre o que é, como também saber de suas implicações legais. As respostas dos alunos evidenciaram reprovação para aqueles que se apropriam da criação intelectual do outro, porém algumas respostas, como por exemplo, as respostas 1 e 5, reconhecem que os trabalhos prontos na internet “facilita” a vida dos estudantes, mas a conduta do copiar e colar não garante a aprendizagem de quem faz uso dessa prática. Já a resposta 6 pontua que recorrer aos trabalhos prontos encontrados na internet é uma forma de nortear suas ideias, contudo, o estudante deixa claro sua posição quanto à ética que o leitor-navegador deve ter diante das ideias de outra pessoa.

No Wiki colaborativo, dez alunos participaram da produção de um texto sobre o tema “plágio”, cada um demonstrou preocupação em ler as postagens anteriores antes de acrescentar a sua, de modo a construírem um texto coerente, conforme orientação dada para a atividade. O produto final revelou a efetivação de uma aprendizagem colaborativa, pois as ideias estavam bem organizadas e concatenadas às discussões sobre o tema da oficina, conforme é possível verificar nos parágrafos inicial e final do texto produzido por eles:

Figura 4 – Trechos do Wiki colaborativo

A cibercultura e o crescente avanço da comunicação vem ao decorrer dos anos proporcionando maior acesso à informações, e conseqüentemente, acarretando num aumento de plágios e cópias. No que se refere ao plágio, este ato ao se tratar de 'roubo' a uma propriedade de determinado autor, não pode ser considerada outra coisa a não ser falta de ética.

[...] Por fim, devemos sempre buscar respeitar os limites e o direito a propriedade intelectual, e, saber aproveitar de maneira correta a grande disponibilidade de informações. Cabe aos usuários utilizarem de sua criatividade para criar suas próprias obras, não roubando ou tomando posse de outra, evitando assim uma prática tão antiética e imoral, como o plágio.

Através da produção textual dos alunos, também é possível perceber que a atividade estimula uma ação reflexiva contribuindo no desenvolvimento do pensamento crítico, na autonomia e autoria. Nesse processo os alunos vão ensinando e aprendendo potencializando a aprendizagem.

No último tópico da oficina, “*Divulg@ aí*”, convidamos os alunos a formarem grupos de três e produzirem um vídeo de cinco minutos sobre plágio. O vídeo deveria ser postado na plataforma, ficando a critério do grupo a sua divulgação em um canal do *Youtube*. Optamos pela produção de um vídeo, para verificarmos como os alunos fariam uso de um recurso audiovisual para veicular os conhecimentos adquiridos sobre o tema discutido na oficina. Apenas três alunos participaram, não tivemos o *feedback* do por que os demais alunos não participaram, apesar de sempre questioná-los sobre possíveis dúvidas ou dificuldades.

Porém, o vídeo produzido pelos três alunos ficou excelente. Nele pudemos perceber como a aprendizagem colaborativa através de um ambiente virtual é efetiva, pois identificamos na fala dos alunos, organização das ideias e propriedade do que estavam falando. Os alunos iniciaram o vídeo conceituando plágio e ética, assuntos discutidos na oficina, retomando os textos disponibilizados na oficina. Um primeiro aluno cita o sociólogo José Pastore, autor de um dos textos disponibilizados. O texto “*Cola online*”, também trabalhado na oficina, é retomado por uma aluna no vídeo, conforme podemos verificar nos trechos a seguir:

Trecho 1

“a internet se tornou um convite à desonestidade, com o poder de ser um usuário anônimo, criar perfis falsos e se comunicar com usuários que estão distantes de você, se tornou cada vez mais fácil fazer o que quiser longe da ética, como por exemplo, copiar algo que não é seu, o que é justamente o plágio”

Trecho 2

“Em um site histórianet.com está disponível um texto intitulado Colaonline, esse texto já foi discutido na nossa plataforma do curso. Esse texto mostra uma enquete da Carolina do Norte, nessa enquete 97% dos alunos afirmam já ter trapaceado na vida escolar. É bem complicado, pois com ele é possível perceber que praticamente todos os alunos em uma parte da sua vida optaram pela parte mais fácil, por simplesmente copiar algum trabalho afirmando que você tivesse criado. Isso é um dado alarmante, pois em um trabalho que o estudante realiza esse aluno simplesmente deixou de aprender uma aprendizagem de qualidade se não for através de pesquisas, leituras, ou você vai tentar criar seu próprio texto copiando e colando apenas prova para si mesmo que não seria capaz de criar um texto com suas próprias ideias”.

Vimos que os alunos conseguiram gravar um vídeo com conteúdo bem articulado e coerente com o que foi lido e discutido na oficina, retomando as leituras, fazendo as devidas referências e expondo o seu ponto de vista a respeito de ética, plágio e dos dados que dizem que a maioria dos alunos já copiaram algum trabalho da internet, com um embasamento de quem se apropriou do tema. No final do vídeo, um dos alunos cita um exemplo de plágio pesquisado pelo grupo na internet. O grupo encerra o vídeo agradecendo às professoras-mediadoras e falando da experiência de ter participado da oficina através de um Ambiente Virtual de Aprendizagem. Os alunos publicizaram o vídeo no canal Youtube⁴.

⁴ URL do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Iyh1w15DBSM&feature=youtu.be>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da experiência didática aqui relatada, ficou claro que as TDICs podem ser uma grande aliada nos trabalhos escolares. Os resultados verificados apontaram que as atividades nos ambientes colaborativos de aprendizagem são meios eficientes e de grande potencial para o ensino e aprendizagem, desde que o professor, enquanto mediador, esteja preparado e capacitado para usá-las em sala de aula.

Os estudantes que participaram da pesquisa mostraram que têm múltiplas habilidades com as tecnologias atuais conectadas à internet, pode-se afirmar que possuem um bom nível de letramento digital, que inclui autonomia para realizar seus trabalhos, para pesquisar, confrontar ideias, capacidade de reflexão e análise crítica, o que reitera a ideia de que o professor não é visto por eles como a principal fonte de conhecimento, como bem assinala Freitas (2010, p. 348), “a possibilidade de pesquisar, ler e conhecer sobre os mais variados assuntos navegando na internet confere ao aluno um novo perfil de estudante, que exige também novo perfil de professor”. Nesse cenário atual, cabe ao professor estar atento a essa fonte de informações e, junto aos alunos, transformá-las em conhecimento, configurando assim uma das características do letramento digital que é de associar informações em uma perspectiva crítica e ética, e não passiva, para construir conhecimento.

Diante das respostas dos alunos do ensino médio, pude entender e sentir um pouco do contexto de ensino e aprendizagem com a utilização das tecnologias. Essa foi uma experiência de grande valor para minha formação, pois vivenciei o quanto é necessária uma formação inicial preocupada com a capacitação do professor em saber lidar com as TDIC's na sala de aula. O professor já inicia sua vida profissional sabendo da importância do letramento digital, não apenas para a sua atuação profissional, ao lidar com os “nativos digitais”, bem como para mediar a relação destes com essas tecnologias no desenvolvimento de práticas de leitura e de escrita que promovam o letramento digital para além do meramente instrumental, inclusive quando diante da prática de pesquisar na internet para os trabalhos escolares. Isso porque, diante da extensão das oportunidades de informação e comunicação e das diversas fontes de acesso, não se pode perder de vista os objetivos do ensino e, consequentemente, o aprofundamento na compreensão de conceitos, evitando a superficialidade no tratamento das informações acessadas.

Para mim será mais fácil quando chegar a conviver diariamente com alunos

que estão conectados, porque sei que computador e internet quando bem utilizados são mais uma forma de somar conhecimentos em sala de aula, o que implica dizer que uma prática não substitui a outra, mas podem se enriquecer mutuamente. Mas, para isso, o professor precisa estar aberto ao novo para que, na era da internet, a sua sala de aula possa ser um espaço de aprendizagens colaborativas e compartilhadas.

REFERÊNCIAS:

- ARAÚJO, J. C., BIASI-RODRIGUES, B. (Orgs.). **Interação na internet**: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 fevereiro 2019.
- BATISTA, E. M. SHIRLEY, T, G. **O fórum online e a interação em um curso a distância**, 2006.
- BENTO, M. C. M.; CAVALCANTE, R. S. **Tecnologias móveis em educação**: o uso do celular na sala de aula. ECCOM, v. 4, n. 7, jan./jun. 2013.
- BERNARDES, A. S.; FERNANDES, O. P. A pesquisa escolar em tempos de Internet. In: FREITAS, M. T. A.; COSTA, S. R. (Orgs.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola** – 3º Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011
- CELANI, M. A. A. **Questões de ética na pesquisa em Linguística aplicada**. Linguagem & Ensino, v. 8, n. 1, p. 101-122, 2005.
- COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). **Letramento Digital**: aspectos sociais e possibilidades tecnológicas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.
- COSCARELLI, C. V. (Org.). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- FREITAS, M. T. A. **Cibercultura e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- FREITAS, M. T. A.; COSTA, S. R. (Orgs.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- FREITAS, M. T. A. **Letramento digital e formação de professores**. Educação em revista. Vol. 26. nº3. Belo Horizonte. Dec. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000300017. Acesso em: 23 mar. 2019.
- FREIRE, Paulo – **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GAMA, A. M. **O letramento digital e a escola como sua principal agência**. Memento: Revista de Linguagem, Cultura e Discurso. v. 3, n.1, 2012.
- HARTT, V. **O letramento na era digital**. Revista Educação. Editora Segmento, 2011.
- KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas, SP: Papirus, 2012.

- LEMOS, S. **Nativos digitais x aprendizagens**: um desafio para a escola. B. Téc. Senac, Rio de Janeiro, v. 35, n.3, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.bts.senac.br/index.php/bts/article/view/236>. Acesso em: 26 fevereiro 2019.
- LEVY, P. **Educação e cybercultura**: a nova relação com o saber. São Paulo: Ed.34, 1999.
- SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.
- OLIVEIRA, G. F. SILVA. R. L. **A universalização do acesso à internet como novo direito fundamental**: das políticas de inclusão à educação digital. Disponível: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=2b31595206d7115e>. Acesso em: 23 março 2019.
- PINHEIRO, R. C.; RODRIGUES, M. L. **O uso do celular como recurso pedagógico nas aulas de língua portuguesa**. Revista Philologus, v. 18, n. 52, p. 119- 128, jan.-abr., 2012.
- ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- TRABUCO, C. **Direitos de autor, intimidade privada e ambiente digital**: reflexões sobre a cópia privada de obras intelectuais. v. 9, n. , 2007.
- XAVIER, A. C. **Letramento Digital e ensino**. 2002. Disponível em > <http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf> > Acesso em: 19 nov. 2018.